O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

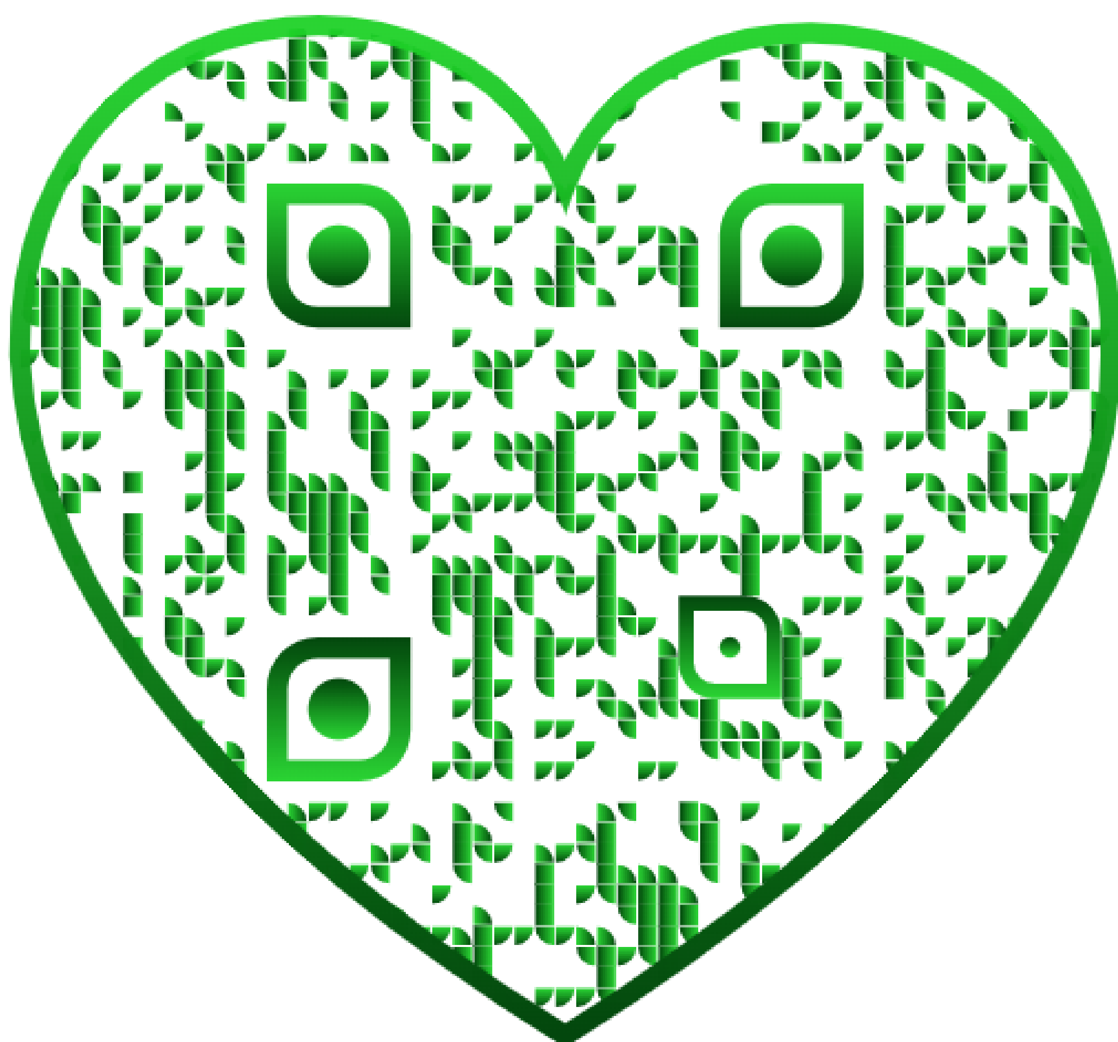
A HISTÓRIA DO LIVRO

RUTH ROCHA
OTÁVIO ROTH

CRIAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
OTÁVIO ROTH

ILUSTRAÇÕES
RAQUEL COELHO

MELHORAMENTOS



O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

A HISTÓRIA DO **LIVRO**

RUTH ROCHA
OTÁVIO ROTH

CRIAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
OTÁVIO ROTH

ILUSTRAÇÕES
RAQUEL COELHO



MELHORAMENTOS

1992 – Prêmio Jabuti – Melhor Obra em Coleção,
Melhor Produção Editorial
1993 – Prêmio Monteiro Lobato para Literatura Infantil,
Academia Brasileira de Letras





O livro, do jeito que nós o conhecemos, impresso em papel, apareceu no século XV, quando Johann Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis.

Essa invenção foi uma verdadeira revolução.

Pelo fato de ser muito mais barato,

o livro impresso pôde alcançar muitíssimo mais gente, em todas as partes do mundo. O livro popularizado modificou a educação, democratizou a informação e o conhecimento; o surgimento do livro foi um marco para o fim da Idade Média.

Mas antes de ter a forma que tem hoje, o livro já existia.



Na verdade, desde que o homem é homem, quer dizer, há mais ou menos um milhão de anos, ele vem deixando marcas de sua passagem pelo mundo. Desde os tempos da caverna, quando homens primitivos desenhavam e gravavam nas paredes de pedra imagens maravilhosas de bois, cavalos e bisões.

Essas imagens nos contam que o homem, na época em que pintou essas figuras, tinha senso artístico, noção de proporções e capacidade de cumprir um planejamento.

Mas a história do homem só pode ser contada a partir da invenção da escrita, quer dizer, a partir de cinco mil anos atrás.



De fato, a partir da invenção da escrita é que começaram a aparecer os primeiros documentos e os primeiros livros.

Naturalmente a forma que os livros assumiam dependia dos materiais e dos instrumentos que cada povo tinha à sua disposição. E eram livros muito

diferentes dos atuais.

Quando se escrevia sobre barro, madeira, metal, ossos e bambu, materiais rígidos, que não podiam ser dobrados, os livros eram feitos de lâminas ou placas separadas.

Os materiais flexíveis, como tecido, papiro, couro, entrecasca de árvores e, finalmente, papel, permitiam outras soluções, como as dobras e os rolos.



Os primeiros livros feitos pelo homem, há cinco mil anos, eram de barro, na forma de pequenas lajotas.

Eram coleções de documentos, como testamentos, contas, cartas. Foram encontrados aos milhares na região da Mesopotâmia.

Essa região se chama assim por

estar situada entre dois rios: o Tigre e o Eufrates. Mesopotâmia quer dizer “entre rios”.

Pois nessa região do Oriente foram encontrados os primeiros livros. Eles tinham formatos diferentes: eram quadrados, redondos, ovais ou retangulares. As placas eram numeradas, para facilitar a consulta, e guardadas em prateleiras.

O povo responsável por esses livros foram os sumérios.



Os egípcios, povo vizinho dos sumérios, escreveram seus livros sobre papiro.

As folhas de papiro emendadas formavam rolos que chegavam a vinte metros de comprimento. O título do livro, naturalmente, aparecia no final.

Os egípcios conseguiram reunir

grandes bibliotecas com livros de matemática, astronomia e religião, além de obras literárias.

A maior biblioteca da Antiguidade foi a de Alexandria, que chegou a ter setecentos mil livros, em rolos de papiro.

Outros povos do Mediterrâneo escreveram seus livros da mesma maneira.



Na Índia, onde as palmeiras eram muito comuns, os livros eram feitos de folhas dessas plantas.

Essas folhas eram cozidas em leite, secadas e depois escritas com instrumentos pontiagudos. Depois, passava-se fuligem sobre as folhas para que a escrita ficasse mais nítida.

Então costuravam-se as folhas juntas e pregava-se um pedaço de madeira na frente e outro atrás, para servir de capa.

Até hoje, em vários países asiáticos, como Nepal, Tibete e Tailândia, ainda se fazem livros assim.



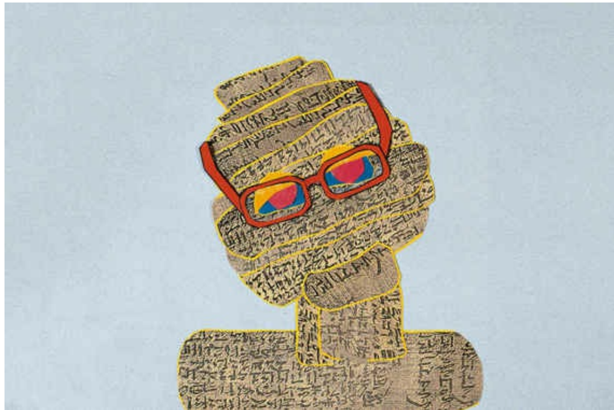
Entre a casca das árvores e a madeira existe um material macio, a entrecasca, que também tem sido usado para a confecção de livros.

É um material flexível e com ele foram feitos os livros sanfonados, isto é, em forma de sanfona.

Antes que Colombo chegasse à

América, em 1492, maias e astecas já faziam esse tipo de livro.

Em outras partes do mundo, na Sumatra, por exemplo, mantém-se até hoje essa antiga tradição.



Se considerarmos que livro é um conjunto de textos com certa unidade, o livro mais estranho de todos os tempos foi uma coleção de faixas de linho escritas, encontrada na ilha de Creta envolvendo uma múmia!

Muitos tipos de tecido foram usados para fazer livros. Entre os

chineses, por exemplo, faziam-se livros de seda, os quais eram guardados em rolos.



Há dois mil anos, mais ou menos, apareceram em Roma livros semelhantes aos que temos hoje: com páginas costuradas.

Mas eram feitos de madeira encerada, com as páginas amarradas duas a duas. Como eram muito pesados, esses livros raramente tinham mais de

dez páginas.

Os romanos faziam neles seus rascunhos, já que suas páginas enceradas permitiam a correção e o reaproveitamento. Quando os originais ficavam prontos, passavam o texto a limpo sobre papiros.



A invenção do pergaminho promoveu grande progresso na fabricação dos livros.

Era um material caríssimo: uma folha grande consumia a pele de um animal. Para que a Bíblia fosse reproduzida em pergaminho, era necessário o sacrifício de trezentos

carneiros.

Mas, por outro lado, o pergaminho permitia que se escrevesse dos dois lados do couro e que se dobrassem e costurassem as folhas, ocupando menos espaço e facilitando a conservação e o transporte dos livros.

A invenção da caneta permitiu que se escrevesse mais depressa e mais facilmente, o que resultou numa produção maior de livros. Nessa mesma época houve o desenvolvimento da caligrafia e o aparecimento das letras minúsculas.



Conta a lenda que Carlos Magno, que foi o Imperador do Ocidente no século IX, não sabia ler.

Isso pode não ser verdade, mas não seria nada demais, pois nessa época pouquíssimas pessoas sabiam.

Os monges eram algumas dessas poucas pessoas. Não só sabiam ler e

escrever, como eram eles que copiavam os livros um a um, letra por letra. Aliás, os monges tinham de ter a mesma caligrafia, para que um pedaço de um livro não ficasse diferente do outro.

Esses livros recebiam ilustrações muito ricas e coloridas. Levavam, por isso, muito tempo para ser feitos.



Quando Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis, por volta do ano de 1440, já existiam outros processos de impressão.

Conta-se que no ano 700, no Japão, a imperatriz Shotoko mandou imprimir um milhão de cópias de uma oração budista para distribuir.

Mas nesse tempo era preciso

entalhar todo o texto na madeira, para imprimir. Por isso a matriz não podia ser reaproveitada.

Os chineses conheciam o papel desde o primeiro século da era cristã. Mil anos antes de Gutenberg, já se faziam, na China, livros impressos em papel.

Mas o papel só seria difundido na Europa a partir do século XIV, apesar de ter sido levado para a Espanha pelos árabes no século XII.



Mas foi a invenção de Gutenberg que realmente abriu o caminho para a popularização do livro, para o desenvolvimento da imprensa e para a democratização da educação.

O livro tem sido durante os últimos séculos o instrumento mais importante do desenvolvimento intelectual e

espiritual do homem e da sua possibilidade de aprender e progredir.

Com o livro viaja-se para o passado e para o futuro. Conhecem-se o pensamento e a fantasia de outras pessoas e de outros povos.

Aprende-se nos livros a conhecer a ciência, a apreciar a arte e a avaliar o que é certo e o que é errado.



E o livro tem na sua forma, que levou tantos anos para ser aperfeiçoada, sua maior arma. De fato, pelo seu tamanho e formato, ele pode ser levado a qualquer parte e consultado com facilidade a qualquer momento.

O grande progresso tecnológico da nossa época faz prever o aparecimento

ou o aperfeiçoamento de instrumentos de leitura tão ou mais eficientes que o livro.

Talvez estejamos hoje às vésperas de uma revolução tão importante quanto a de Gutenberg.

Mas todo o conhecimento e toda a tecnologia necessários para o estudo e o aperfeiçoamento desses instrumentos ainda vêm, necessariamente, por intermédio do livro.

Ruth Rocha nasceu em 1931 na cidade de São Paulo. É uma das mais conhecidas escritoras brasileiras de livros infantis e juvenis. Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil: FNLIJ, Prêmio Jabuti, APCA e ABL, entre outros. Atualmente é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Casada com Eduardo Rocha tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro.

Otávio Roth (1952-1993). Paulista reconhecido mundialmente por sua obra em papel artesanal e eventos de arte participativa. Formou-se em Londres pelo Hornsey College of Art. Morou e trabalhou em Israel, Noruega e Estados Unidos. Também recebeu vários prêmios de literatura infantojuvenil como ilustrador e escritor. Suas ilustrações da Carta de Direitos Humanos estão em exposição permanente nas sedes da ONU em Genebra Viena e Nova York. No Brasil foi pioneiro na divulgação do papel artesanal por meio de cursos, oficinas, publicações e exposições. Seu trabalho de reciclagem de papel e de elementos da natureza contribuiu para a construção da consciência ambiental

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ilustrações: Raquel Coelho
Texto © Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda.
Representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.
Criação e projeto gráfico: Otávio Roth
Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:
© 1992 Cia. Melhoramentos de São Paulo
© 2002, 2008 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, junho de 2014
ISBN: 978-85-06-07533-3 (digital)
ISBN: 978-85-06-05374-4 (impresso)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br



